

O TESOURO DE JOAQUIM MALAQUIAS

SPUTINIK

Joviano Gonçalves dos Santos

Faculdade de Letras

Talvez alguém dissesse que a ambição, avareza ou sovinice sejam defeitos graves e que a pobreza é a maior das virtudes. Outros, porém, achariam que esses chamados defeitos são grandes virtudes, necessárias para se progredir. A opinião, portanto, depende da posição em que está o entrevistado. Se ele estiver assentado, lendo jornais, após o bom almoço, certamente dirá: «O dinheiro é um grande mal, causador de injustiças!». Agora, se o mesmo indivíduo estiver de mãos vazias nos bolsos vazios, sem janta, preocupado com o melhor modo de juntar ou preservar umas economias, ele dirá logo: «O dinheiro é símbolo da prosperidade».

Começou, não se sabe ao certo quando, seu querer-bem pelas meigas moedinhas, talvez na infância. Um político que andara em sua cidade, garimpando eleitores, distribuiu, na praça, algumas cédulas. E Malaquias foi um dos privilegiados. A partir daí, ele tornou-se um menino de negócios, sério, compenetrado. Almoçava, jantava, lanchava, dormia e estudava, trabalhando idéias a respeito de como melhor brincar com o dinheiro. Jamais, em sua infância, engolira moedas, mas guardava-as sigilosamente.

Coletava seus monetários presentinhos com o maior zelo. Partiam de seus avós, tios, pais, ou de seus padrinhos, que sempre contribuíam para a felicidade do afilhado. Ao se despedirem, faziam avolumar mais outra parcela de carícias, ao lado do tilintar de beijos e moedas...

Possuiu uma infância monetariamente feliz. Investiu contra o tempo, com uma firma doméstica bem expandida. De patacas em patacas, foi entrando na vida adulta com um saldo particular engenhosamente acumulado, sem nunca pagar imposto de renda!

Sempre recebia uma grande verba de elogios: rapaz amoedado, honesto, acolhedor e de futuro. Tudo isso lhe inflava a vocação para poupar e, cada vez mais, arrecadar novos presentes ou favorecimentos convertidos — à curta ou à longa praxe — em numerários inumeráveis.



É incalculável o destino que levou aquele baú de moedas, tão bem reservado, uma vez que Malaquias nada gastava. Cada vez que ia esbanjar alguns centavos deparava com algum amigo interesseiro, pronto para pagar quanto fosse, para ser íntimo e parte da roda de moedas, aliás, de amigos daquele cidadão bem sucedido.

Se fizesse um balanço de todas as suas amizades, talvez Malaquias verificasse que toda essa associação de avarentos amigos traziam uma só idéia na carteira: ser amigo de Malaquias é bom investimento. Esticavam as mãos para seu lado, mais como mendigos do que amigos. Ele, como já segredara para sua madrinha credora, desembolsava: «Gosto dos amigos, enquanto não me causam nenhum ônus». Tolerava-os sem nenhum dano para a paciência, pois já se acostumara — embora no baú de sua alma não gostasse — a ser fiscalizado por conhecidos na rua, em casa, no claro e no escuro. Nenhum daqueles bocós sabia, porém, em que ou onde Malaquias enfiava suas relíquias, porque todos eram para ele paupérrimas relações, sem qualquer lucro financeiro ou moral, que valiam poucos créditos.

Sua madrinha foi quem descobrira seus hábitos secretos ou negócios subterrâneos. Andou fiscalizando-o, por horas e horas de avarenta curiosidade, noite adentro, madrugadas afora. Vigiou-o, como a uma galinha manhosa que tem ninho escondido. Viu-o depositar sigilosamente suas economias num buraco, encravado no barranco do quintal. Depois, com labor e carinho ele preparou um barro qualquer, às pressas, e lacrou seu ninho monetário. Aliás, quem lhe ensinou tal «malaquiísmo» foi aquela madrinha matreira, ao depositar bem no seu ouvido: «De grão em grão, Malaquias enche o papo!».

Tinha técnicas especiais para conservar moedas e notas sob a terra, contra a corrosão ou mofo, que desejam apossar-se dos bens. Usava sempre latinhas ou vidros tampados, com talco antisséptico contra os assaltos da umidade. Possuía diversas agências — esconderijos no próprio quintal, no forro da casa, nas luminárias, no colchão, nas malinhas trancadas ou mesmo sob o piso do quarto.

Acumulou toda essa malandragem econômica para evitar os olhos invejosos dos visitantes e até mesmo dos pais, que poderiam não saber administrar seu capital segredo, distribuindo informações que deviam ficar soterradas. E, por outro lado, protegia-se contra ladrões com a maior facilidade. Esses, que só sabem roubar e furtar em lugares comuns, atacariam logo os pontos calculados por ele premeditadamente. Levariam — como já acontecera uma vez — uma esmola qualquer, propositalmente guardada no camiseiro, nas malas, numa bolsa ou no guarda-roupa. Tudo era engodo: mixarias em pontos diversos.

Além dessa imensa sabedoria, herdara a própria aparência do avô: baixote e meio gordo, olhinhos fundos e nariz curto. Lembrava uma moedinha de bronze, com seu porte baixo, arredondado. Veio também desse único avô que conheceu o incentivo para seu talento metálico: uma moeda de ouro. Essa foi, sem um centavo de dúvida, a pedra filosofal da carreira áurea de Malaquias.

Ao saber disso, para fazer concorrência afetiva, sua madrinha logo, logo lhe deu uma prestação de carinho: uma pequena moeda de prata, de baixo peso, mas valorosa, tanto que fez sacolejar nele argêntea explosão de contentamento.

Faliu finalmente toda intimidade que havia dos amigos para com Malaquias. Desvalorizaram-se as conversas de quarto, de sala e de momentos tumultuados. Passou a controlar suas amizades com muita liderança, inclusive impunha horário, às vezes. Carecia de sossego para desenterrar suas idéias e bem direcionar suas pepitas.

Orgulhava-se de ter aprendido a administrar toda aquela safra de pessoas, cheias de bolsos ambiciosos, que se dirigiam à sua agência doméstica, ou contra esta. Sim, tornara-se um perito, tanto que eliminou aquela migalha de intimidade, ao lhe chamarem de Quim.

Vendiam — pelo mesmo preço por que compravam — a informação de que Malaquias era tão sovina que tinha soterrado até mesmo seu sobrenome. «Numismático», diziam alguns, era um nome muito feio, palavrão zinabroso! Coitadinho, pobre Malaquias, se envergonhara tanto!

Pesquisando seus esconderijos mentais, alguém poderia notar que Numismático era seu poupável sobrenome, que deveria se afastar das ferrugens que as miseráveis línguas alheias poriam nele. Sabia secretamente que esse era seu nome símbolo de plena felicidade, sorte e predestinação — para o eterno poupar! Além das moedas, era nisso em que ele mais acreditava. Dizia, em momentos de muita riqueza de espírito: «A felicidade é algo que se adquire de patacas em patacas».

Seja como for a estória do desaparecimento desse nome, o que se sabe é que ele não está nos documentos de Malaquias. Talvez tenha sido penhorado em alguma loja da cidade, com algum comerciante agiota...

Mas o que ninguém sabia explicar era por que Malaquias tinha amado tão poucas mulheres em toda sua vida, talvez duas ou apenas uma. (Parece que nenhuma era portadora da chave do seu cofre coração, ou talvez ele não permitisse ócio nem lazer a esse pródigo coração...).

Conta-se que ele esteve amando uma tal de Maria Elisa, morena, de apelido Monalisa, que tinha olhinhos amarronzados: duas moedinhas de bronze coladas na face! Mas o boato durou pouco, apenas até que sua madrinha sabedora distribuisse a declaração aos gananciosos de novidade. Embora fosse ela mesma que tivesse dado uns incentivos para o romance, foi quem teve a maior e primeira decepção da vida. Disse a ele que a moça era boa, trabalhadeira e de boa família. Mas quando quis saber se ele iria investir na moça, Malaquias — com a maior frieza da praça — assim emitiu seu «não»: «Ah... Ela tem um sorriso muito sovina! Também... o que vou fazer com bronze...?».

Era de se duvidar que Malaquias tivesse derramado alguns centavos de amor por uma mulher porque, em sã consciência, jamais demonstrou a menor intenção de assinar duplicatas de casamento. Talvez ele tenha amado alguma imagem de mulher, existente nas suas moedas prediletas, ou tenha tido algum caso que se tornou, para sempre, paixão soterrada...

Era fácil identificá-lo na rua da cidade. Andava sempre de cabeça baixa, não que estivesse meditando, mas procurando algum dinheiro desperdiçado ao pé do meio-fio. Costumava olhar muito para os lados, temendo, não os carros, mas os ladrões.

De tempo em tempo, tinha vontade de desfazer sua aparência simples. Pensava em transferir seu dinheiro para um banco e participar dos juros e das regalias comuns que poderia ter. Evitava sempre: não queria se associar àqueles gatunos... Tinha, contudo, um pouquinho de poder nas mãos: um pequeno molho de chaves e, para se distrair às vezes, um maço de notas a ser apalrado com bastante prazer!

Com o passar dos anos, aprendera a fingir que era generoso: ia à igreja e, num gesto de mistério, colocava na sacola do sacristão algumas moedas desatualizadas! Dava também muita liberdade aos pés: andava descalço. Dizia ser bom para a saúde. Os sapatos e meias são muito incômodos, além do mais as pedras e o chão entortam os calçados!

Embora se sentisse realizado em sua arte de armazenar moedas, sentia-se insatisfeito com a contenção de despesas, em relação ao seu estômago, esse parasita infernal, que só serve para dar prejuízos...! Não rende nada! Oh, empresa difícil de ser controlada! Todo método aplicado nela é falho!

Certa vez, soube que havia chegado à cidade um novíssimo lançamento de comprimidos-refeição, de origem estrangeira. Então Malaquias foi à praça do Mercado, nariz erguido em altivez — feito um empresário farejando o lucro — para adquirir essas preciosas moedinhas, que matariam ou cassariam o esbanjador apetite. Era engraçado vê-lo curvar-se na rua sorrateiramente e apanhar um objeto pequenino, sem nenhuma soberba!

Querendo experimentar essa poderosa merenda de astronauta, entrou na loja dos japoneses. Pedeu a quantia referente a duas refeições por dia, em toda a semana. Verificou, contudo, que os gastos seriam dez vezes maiores do que a sua despesa em comida comum! Um absurdo! Deu tapas no balcão e despejou seu ódio e os comprimidos no piso, coberto de xingamento. E

saiu tilintando desaforos. Caça-níqueis vigaristas! Gatos nipônicos! Oh, que desejo de possuir uma bomba atômica para explodir esse cubículo de sovinas!

Havia, entretanto, momentos muito rendosos para a vida sua. De vez em quando, ia à sua casa um daqueles ex-amigos da infância que desejava obter um pequeno empréstimo, para resolver uns embarços! Pagaria o juro se fosse preciso! É claro, pois já estava calculado de antemão, à base de dez por cento ao dia. E, assim, muitos outros — apesar de terem até trabalhado mais do que Malaquias, mas não tiveram a mesma sorte, iam lá, mendigar uma ajuda. Chegavam humildes, com aquela cara de pobre. Quase sempre conseguiam, mas tinham que aceitar a taxa de juros e a inadiável data de pagamento.

Dos devedores de Malaquias, que atrasaram o dia de quitar a dívida, uma das exceções foi aquele pobretão, pai de família. Sua soma de filhos era a mesma de todos os dias semanais. Bateu o recorde, ao ficar sete dias sem pagar. Antes do pôr-do-sol, no sétimo dia, ele teve a gratuita visita do Sr. Malaquias e sua fúria. Além de estar sendo persuadido, ainda ter que ir buscar o dinheiro na casa do devedor!

Merecia bem uma descarga deste revólver nos bolsos traseiros, para nunca faltar com o dever! Bastaram apenas alguns tiros de desaforos e desacatos para que a ninharia fosse sacada, depois desta citação atrevida: «Não tenho tempo a perder. Vim aqui para receber! E quer saber de uma coisa? Pagar é sua obrigação, já, seu sonegador! É lei e está escrito: Dai a Malaquias o que é de Malaquias!».

Colocou o dinheiro no papo e saiu com o revólver na mão. Olhou para trás. Aquele pobretão o espiava fixamente, recostado à porta, com os olhos choramingando miséria. Virou-se rapidamente, girou a arma no espaço e, com toda força, lançou-a sobre a calçada, e os pedaços de plástico voaram para todos os lados! Tomou a rua e foi, de mãos nos bolsos, assobiando cinicamente...

Alguns anos se passaram. Uma carta do advogado de seus padrinhos veio tornar áureos os sonhos e ações de Malaquias. Uma herança volumosa estava à sua espera! No dia seguinte, foi

ao escritório, ambicionando o sol cor de ouro da tarde. Queria apalpar realmente toda essa prova de amor — convertida em cifrões — que seus padrinhos lhe deram.

Chegando lá, analisou vários pontos do testamento e logo entraram em acordo sobre todos, à exceção de um: os honorários do advogado. O imposto mais pesado que a sorte queria lhe cobrar, através daquele bacharel, entrincheirado atrás de livros injustos, pilha de astúcias dos avarentos!

Malaquias não se conteve: desenterrou todo o seu ódio diante desse espoliador pirata. Desembolsou palavrões — pequenos e grandes — desdobrando-se em somas elevadas de desacatos ao velhote. Um pouquinho mais velozes do que seus xingos duas balas (de chumbo, esse vil metal!) atravessaram o bolso esquerdo da camisa de Malaquias, que caiu, boquiaberto. Seu último e amarelado sorriso de prata, agora de cobre que — com parcimônia de verbo — queria dizer: nem ao Estado, nem aos charlatães, nem aos interesseiros minhas economias! Entretanto, pelo reverso, a humilde vida confiscou seu corpo.